

[A] DESTRUIÇÃO *ANIMOT* [RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E A PSICANÁLISE EM DERRIDA]

JOÃO C. GALVÃO JR.

João C. Galvão Jr.
Universidade Federal
Fluminense (UFF),
Doutor pelo
Departamento de
Ciência Política,
Niterói/RJ, Brasil.

RESUMO: Trabalhamos com o quase conceito *animot* de Derrida, narrando sua experiência trágica entre o pensamento poético e o saber filosófico, e sua leitura deste quase conceito na teoria psicanalítica, forjando no pensamento da diferença a cena da escritura – inconsciente como escritura – e este outro do outro [que chama] [de] *animot*, que só se distingue na escritura e não da voz revelada. Nessa leitura, para [o] *animot tudo é permitido*.

Palavras-chave: desconstrução; destruição; escritura; experiência trágica; inconsciente *animot*.

ABSTRACT: The *animot* destruction [The relationships between philosophy and psychoanalysis in Derrida]. We have been working with Derrida's almost concept *animot*, narrating his tragic experience between poetic thought and philosophical knowledge and his reading of this almost concept in psychoanalytic theory, faking the writing scene in the thought of difference - unconscious as writing - and this other one from the other one [which is called] *animot*, which is only distinguished in writing and not from the revealed voice. In this reading, *everything is permitted for animot*.

Keywords: deconstruction; destruction; writing; tragic experience; unconscious *animot*.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142017003007>

Por ter, como ninguém, cultivado sua alma,
que já era rica, ele [o poeta]
alcança o desconhecido,
e quando, assombrado, terminar por perder a consciência
de suas visões, ele as terá visto!
Que se arrebente no salto rumo
às coisas inauditas e inomináveis:
outros trabalhadores horríveis virão;
e começarão pelos horizontes onde o outro sucumbiu!

A. Rimbaud

INSTINTO [DO] ANIMAL AUTOBIOGRÁFICO COMO EXPERIÊNCIA TRÁGICA

Em um texto autobiográfico, Derrida segue com sua narrativa num teatro sem palco nem cortina até [com] a morte – finitude – [do] *animot*¹. Talvez [o] *animot* de Derrida se coloque do lado da morte – momentos vividos, as coisas recolhidas. O *animal que logo sou* [*L’animal que donc je suis*]: já na leitura do título em francês de seu texto, o narrador joga com as palavras de forma sutil e profunda – quando *je suis* é a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *être* [ser] e do verbo *suivre* [seguir]. O animal é um *ser*? O *ser* é um animal? O animal segue o *ser*? O *ser* [per]segue o animal? [O] *animot* [des]habita o nomeado ser. O *instinto do animal autobiográfico* [*l’instinct de l’animal autobiographique*] recebe hospitalidade do *Eu-do-outro*, diferente de “*Eu é um outro*” (RIMBAUD, 2009, p. 38), quando permanece na ordem da fala, de uma linguagem que habita a nomeada Casa [linguagem humana]; quando se expressa na escritura como *ato* passa ser hostilizado. *Eu* observo o animal em *mim mesmo* – observo o *outro em mim* porque *Eu é um outro* [“O ‘eu’ é qualquer um, ‘eu’ sou qualquer um...” (DERRIDA, 2006, p. 75)]. Mas este *animal interior* [*discurso interno / movimentos internos*] em *mim* não tem face – é *outro do outro – linguagem das coisas*: nas periferias de uma tal reflexão se encontraria *a coisa* (DERRIDA, 2006). Este *instinto do animal autobiográfico* não tem face [é outro do outro] – *sem face*. Porque *animot* é um outro do outro. Esse título, “animal”, evocado por Derrida, cruza [o] animal e a autobiografia, *bestiário pessoal* que se apresenta num sonho de hospitalidade absoluta. Ou seja: “Como acolher ou liberar tantos *animots* em mim?” (DERRIDA, 2006, p. 60). Liberação [*libertação*] que pensa [o] *animot* como *ato* e não como *verbum*. As coisas da natureza desafiam o narrador com poder de responder – numa relação de forças; resistindo com sua força própria – [o] instinto do animal *me olha* [quando há o olhar do instinto não há “inconsciente humano”]. [O] *animot* é o próprio movimento da liberdade; e essa liberdade que *a palavra*, no momento de suprimi-la [eliminar], apontava com a *fala* [discurso / mensagem]? Filho da dor e ruína de sua Casa: [o] *animot*; na reflexão sobre essa coisa e até na análise de um saber filosófico que del[e] se faz, tratar-se-á não do *erro*, mas da liberdade em *ato*. Seu sentido só pode aparecer diante do Filósofo, isto é, daqueles que são capazes de conhecer sua natureza, dominá-la em seu *não-ser* e de passar à frente na direção da verdade. E enquanto [o] *animot* era outrora o estranho em relação ao nomeado “*Ser*”, ei-lo agora dominado na própria verdade deste discurso; mais neutralidade, uma vez que nele se descobrirão as verdades do homem, separando seus *movimentos internos* do seu *Eu*. Essa estranha face passa a assumir as virtudes de *espelho*; “onde uma certa cena autobiográfica se dispõe é necessário uma psique [*psyché*]” (DERRIDA, 2006, p.76) fraturando o reflexo desse *espelho*², suas imagens interiores e arcaicas. [Des]ligad[o] a uma *civilização* [*culture*] e ao seu *mal-estar* [*la malséance*], [o] *animot* faz surgir um mundo interior de maus instintos, de perversidade, um *bestiário pessoal*, apresentando uma inacessibilidade *das coisas internas*, instante das pré-coisas que dá todo seu sentido à *liberdade* do homem. O nomeado *estádio do espelho* [*stade du miroir*]³, sua identidade e forma – com todas as suas conseqüências políticas – são fraturados pelo

¹ *Animot* pronuncia-se em francês da mesma forma que *animaux*; diferenciando-se somente *nas* sombras da escritura e não na voz revelada.

² *Psyché* em francês: 1. *Grande espelho*; 2. *Psiquê*.

³ Derrida faz referência ao “estádio do espelho” de J. Lacan, *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je* (1936-1949) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. [O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1998].

[não]lugar de *não-poder animot* – animal incapaz [“que daria conta da necessidade de rasurar o ‘ser’” (DERRIDA, 2006, p. 63)] ou excluído por força de lei(X); em seu caráter destrutivo *apresenta* “outra coisa” para além da questão do nomeado “ser”; [um] animal capaz de *rasurar* este Nomeado num *operador de escritura* [*opérateur d’écriture* (DERRIDA, 2006)] – [o] *animot* como *escritura interior*.

Mas, para além das palavras, [a] *coisa* que está acontecendo em Derrida é [o] *animot*. Queremos dizer com *isso* que é numa autobiografia – *instinto do animal autobiográfico* – que Derrida *apresenta* sua loucura, sua experiência trágica com a literatura, poesia, para alguns, considerada doença mental; “pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a Filosofia, por essência, teve de se privar. É *a diferença* entre um saber filosófico e um pensamento poético” (DERRIDA, 2006, p. 23). Dir-se-ia que uma *fada* entrou naquela Casa...

[O] ANIMAL [DES]HABITA NO HOMEM

Pensar o homem de um lado e o animal do outro já é metafisicamente tentar resolver o problema levantado pelo *savoir philosophique*. Derrida, ao contrário, pensa o animal *no* homem – da sua falta de *logos*. O animal dentro de nós [*outros dos outros*], “e o logocentrismo é antes de mais nada uma tese sobre o animal, sobre o animal privado de *logos*, privado do *poder-ter o logos*: tese, posição ou pressuposição que se mantém de Aristóteles a Heidegger, de Descartes a Kant, Lévinas a Lacan” (DERRIDA, 2006, p. 48).

O animal passa pelo estranho estrangeiro do deserto, [des]habita uma língua que não é dele [come por dentro], não possui *face* e nem *linguagem humana* [*inconsciente humano*]; [des]habita no homem – o *mal-estar* de um animal dentro do homem que não quer se domesticar. Que animal? O outro [do outro] que olha em silêncio pelo olhar do animal, um “*olhar de vidente*” [*un regard de voyant*] (DERRIDA, 2006, p. 18); [o] animal agita-se nas profundezas ou ganha de um salto a cena; abertura material de um pensamento poético; [o] animal dá ritmo à *ação*; busca sua alma, experimenta e a transforma numa alma monstruosa – [o] animal se faz *vidente* (RIMBAUD, 2009), alcançando o desconhecido, estranho, perdendo a consciência e conseguindo ver, grande maldito – Aquilo que [des]habita a alma. [O] *animot*, antes de mais nada, é uma figura da natureza. Esta radicalização do pensamento derridiano toca e cheira as margens de uma posição clandestina e obscura, não neutral, *assinada* pelo homem [*animal autobiográfico*]. Acreditamos que este instinto do animal ou instintual animal na *re*-abertura das coisas nomeadas encontra-se num movimento radicalizado da *desconstrução* – momento em que sua alma e corpo entremesclam-se na *destruição* das representações.

Nesse momento ou pelo menos nesse texto - texto poético, arrisco – seu pensamento está bem próximo de um caráter destrutivo das coisas nomeadas, *mais de uma língua* [“*plus d’une langue*”]⁴ que cria aberturas em sua estilística ou arte de escrever sobre o *pensamento da desconstrução*. [A] desconstrução aqui não teria *face* ou *faces* (submetida ao discurso humanista, discurso do sujeito...), mas a singularidade da escrita deste *animal instintual autobiográfico* – ela mesma, *mais de uma língua*, aberta ao indeterminado [“...um animal ainda indeterminado...” (DERRIDA, 2006, p. 17)]; ou mesmo, as próprias *palavras* (destruição *versus* desconstrução) deixariam de ter algum sentido e remeteriam direto a experiência da[s] coisa[s] *animot*. Linguagens da natureza no interior dos *estados-da-alma* – *alma*. Linguagens no mundo que esta alma habita. [O] *animot* [des]habita a Casa da linguagem? Qual linguagem? O que é linguagem? Casa? Qual Casa? Deserto. A *nomeada* “Casa” pertence a alguém? Estas *coisas* silenciosamente se arrastam, inquietantemente, estranhamente como *diferença* no pensamento como um resistir que está para sua natureza interior o que faz pulsar [no] *animot*. Nesta estilística, neste instante da *escritura*, forjando *quase conceitos* internos e potentes como “o animal que logo sou”, “sou” *animot* [des]ligado à animalidade estrangeira que [des]habita esta nomeada Casa. [O] *animot* faz parte da nomeada Casa? É inquietante? Estranho? Estrangeiro? Ao mesmo tempo, habita a Casa e não habita – [des]habita.

Questões *ambivalentes* que *marcam* o discurso filosófico, para não deixar de registrar o *político* [do] *animot* que pulsa *na* diferença e é eliminado [exterminado] pelo discurso das representações significantes da estrutura [as máquinas eliminam os traços]; políticas que marcam o pensamento deste *outro do outro*

⁴ “Se tivesse de arriscar, Deus me valha, uma única definição da *desconstrução*, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, diria sem frase: *mais de uma língua*” [“Si j’avais à risquer, Dieu m’en garde, une seule définition de la *déconstruction*, brève, elliptique, économique comme un mot d’ordre, je dirais sans phrase: *plus d’une langue*”]. DERRIDA, J. *Mémoires pour Paul de Man*, Galillé, 1988, p. 38.

[animalidade no homem ou *animot*] que resiste *na* diferença material [*diferança*]; *outro do outro* que, diante do discurso desta estrutura, não tem *face* – *outro do outro* que não tem face [*não* é considerado *humano*]; o nomeado estranho [estrangeiro] ou *inumano*; diferença de dentro, do interior, de um *aparelho da alma* que *resiste* à morte *na escritura* [morremos e somos *rememorados*]. Talvez se coloque do lado da morte. Somente [o] *animot* e só ele, em sua solidão [deserto], solidão na escritura e resistência política – mas a esta *escritura* como força interior – escritura interior – que pode ser *rememorada*, *salvando* os mortos – *abertura* da História.

Posição inquietante, trabalho *da diferença*, estrangeira [*diferença* estrangeira e estrangeira]: *desconstrução* estrangeira; *destruição* estrangeira; *ambivalência* estrangeira. *animot* inquietante-silencioso [silêncio que faz tremer] – *mais de uma língua* – um ruído vago, um murmurar distante... A natureza acorda e de raios se embriaga – o discurso filosófico passa *Une Saison en Enfer* com [o] *animot*.

LINGUAGEM ANIMAL [ANIMOT É⁵ DESTRUIÇÃO]

“*Mais de uma língua*” [no] *animot* [*linguagem animal*] – estranha e silenciosa; interior silencioso – irrepresentável. O que *resta* [resíduo] deste *estranho silêncio* que *pulsa*⁶ [no] *animot* cria uma *abertura* no político [pensamento ético-político]. Das *figuras da natureza* [*linguagem das coisas*], profundidade instintual [*corporal ao psíquico* no *animot*], *as coisas retornam* à sua força de desconstrução e destruição; criando e forjando *a diferença* [para além do discurso da metafísica da diferença da nomeada “*Casa*”]. No deserto, *mundo da natureza* [*coisas não nomeadas*] não há nomes [“ausência do nome ou da palavra” (DERRIDA, 2006, p. 74)], *mas energias* [*animalidade* (DERRIDA, 2006, p. 75)] em suas *retornanças*. Este[s] *animot* retorna – retornam em suas diferenças. Enfrentar a *linguagem* como algo *puro* [*das coisas*] e fazer com que ela caia em tremor ou num movimento repetido; como se a *linguagem* se tornasse *animal* [retorno da linguagem *animot*] na produção da *diferença*. Pensar esta *diferença para além* da *linguagem humana* e da *repetição do mesmo*. Estranho silêncio *animot* que faz tremer a ordem da *linguagem humana*; um silêncio não dito que trabalha a cada instante, não faz parte da comunidade da linguagem enquanto dimensão da *Voz*, a voz que nomeia. A linguagem *animot* repete *a diferença* em sua *silenciosa irritabilidade interior* [o *animot* como uma coisa que habita e não habita a “*Casa*” nomeada humana].

Não abandonar o discurso do *pensamento metafísico*; *isso* é uma posição estratégica de pensar resistências; por outro lado, manter essas *silenciosas forças* [sem repetir *o mesmo* de um “Nietzsche” aparentemente não religioso; duplo filosófico metafísico que repete *o mesmo* da religião “sem” religião]. Se existe um ou vários “Nietzsche(s)” aqui, ele se encontra nas relações de forças interiores *dos animais*; a “soltar de alguma maneira todos seus animais na Filosofia” (DERRIDA, 2006, p. 58); um “Nietzsche” que *reanibaliza* [*réanimalize*] o *quase conceito* da *linguagem animal* [*linguagem das coisas*] – proposta de uma *outra* linguagem – estranha ao saber filosófico. Pensamento das forças da [des]ordem de um *inconsciente animot*⁷ [um “Nietzsche” inconsciente no pensamento da diferença] mais profundo e terrível que faz tremer, do que o discurso do mundo externo “nietzscheano” ou que se auto-nomeia “pós-nietzscheano”.

Existe uma violência no pensamento e na repetição da diferença e trabalho deste pensamento – produzindo algo novo: [o] *animot* num nível *inconsciente* e vinculado à *diferença*. O registro destas forças destes *quase conceitos* passa aqui por um trabalho do inconsciente como *escritura* e força de resistência das coisas – as forças deixam marcas no interior [do] *animot*; no *mundo das coisas*, as coisas resistem a uma nomeada linguagem humana por um inconsciente como escritura que faz parte desse *animot*. “*mais de uma língua*” nas relações de forças destes *quase conceitos* forjados são *forças constantes* desta *linguagem das coisas* e este “*mais*” estando “*além do bem e do mal*”: um “Nietzsche” mais profundo, silencioso e estranho – *inconsciente animot* – libertando o homem das amarras da linguagem. Com [o] *animot*, Derrida expressa e *passa ser* o grande representante de um pensamento pós-nietzscheano numa outra filosofia ou pensamento da diferença.

⁵ Terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser*.

⁶ “...a animalidade, a vida do vivente se define como *irritabilidade* [*irritabilité*] apta a se mover, a se marcar a si-mesma, a se traçar...” DERRIDA, J. *L’animal que donc je suis* (1999). Paris: Galilée, 2006, p. 75.

⁷ Acreditamos que quando Derrida faz sua crítica a Lacan, de uma “linguagem humana” [*inconsciente humano*] está colocando a problemática de um *inconsciente animot*.

[O] *animot* é explorador de regiões desconhecidas; seu acontecimento como *ato filosófico* se dá para além da linguagem e das florestas sacralizadas; sua *vida*, uma série de fugas e retornos a *Casa*. Uma das coisas que caracteriza [o] *animot* é a insurreição da força, ou seja, no animal, uma certa força interior se desencadeia, força não dominada, não dominável em que faz [é] suas destruições – é destruição. A nomeada *bio-política* não é rompida por *lutas bio-políticas*; a[s] resistência[s] da experiência trágica [do] *animot* está [des]ligada à resistência pela destruição – já é destruição – e não às resistências da nomeada *lutas bio-políticas*. Queremos dizer com isso que é o caráter destrutivo [do] *animot* que fratura com as instâncias produtoras das práticas discursivas de um certo *saber* filosófico [político]. “é” não é um jogo de palavras; nem quer ser a palavra de todas as palavras – “é” é ato [ato do outro do outro] que destrói a palavra “ser”; em ato, “é” não passa pelo nomeado “ser”. Discutindo palavras as coisas escapam ao saber filosófico, *apresentando-se* abertas ao pensamento poético e caráter destrutivo *em ato* – por isso – é destruição. Aquilo que “é”, não é apenas uma certa derivação da palavra falada “ser”, mas, flui em *outra* direção, desconstruindo e, em alguns casos, destruindo a palavra de todas as palavras [...]. O nomeado *humano* nesse *saber*, sua “essência”, consiste em possuir palavras [...]. Aquilo que é o “ser” [do] *animot*, isto é, a *entidade* [irritabilidade], cria e forja uma alma [psíquico] escritural [alma na escritura] resistindo ao nomeado “ser”; carrega em seu interior: uma alma forjada na escritura e seu caráter destrutivo como experiência que passa pelo *trágico*⁸.

Nesse registro, Derrida se coloca do lado da morte [já com a morte], junto com Benjamin e Freud – *animot* é destruição. As *resistências* habitam o interior. Ou seja: a resistência da alma [psíquico] [do] *animot* vem pelo caráter destrutivo [*instintuais pulsionais de morte*] e não alegremente em “lutas bio-políticas”. Essa resistência da alma está entremesclada a um *inconsciente escritural* e *morte*. Resta que esse *saber* consiste em suprimir [o] *animot* dentro de *nós*, em reduzi-lo à inexistência, porque [o] *animot* é percebido pelos seus *atos*. O que está *em causa* nesse *saber* é vitória e *submissão*; o domínio que se pretende não é mais sobre seu *erro*, mas diz respeito à[s] força[s] desencadeada[s] no *animot* que deflagra seu *ato* de insurgir-se. Alguns diriam que tudo é uma questão de *poder* – mas a *linguagem animal* é de alma para alma – o invisível “é”.

[O] ANIMAL COMO COISA EM ATO

É essa *linguagem das coisas* ou deste *quase conceito* forjado para o pensamento da diferença – *animot* – que coloca como *força constante* a *animalidade* [tremor e terror] como algo invisível e silencioso, criando as *aberturas* materiais no instante da História.

Uma questão eminentemente ético-política: a eliminação [*extermínio*] destas *irritabilidades* [do] *animot* pelo discurso do pensamento metafísico que quer sempre em nome da *vontade de verdade* representar algo [pensamento da representação]. Descentralizando o *nomeado* humano [moderno sujeito] e considerado humano porque habita a “*Casa*” ou desconstruindo um pretense discurso do *Eu*, a partir do *Outro*, constitui-se um *Eu* a partir do *Outro*. À “eliminação” deste nomeado humano é rotulada e hostilizada a *desconstrução* pelo pensamento da representação. Pelo contrário, ao expressar e trabalhar *mais de uma língua* [no] *animot*, resistindo a este pensamento metafísico que de forma “secularizada” tenta impor de forma autoritária sua *suposta presença* (DUQUE-ESTRADA, 2005), a *diferença* vem à tona expressando-se pela linguagem *animot* – criando [a] *diferença interior* e *silenciosa* [tremor e terror]; alguma coisa estranha; alguma coisa que *não será dita*. [O] *animot* ao “falar” uma *língua estrangeira* – permanece ou não no [des]habitar desta “*Casa*”. O nomeado “mal” pela *linguagem humana* seria esta *coisa estrangeira* que se enraivece inquietantemente no interior desta estrutura [“*Casa*”] que a cada instante pode ser *desconstruída* e *destruída* pelos inquietantes diferentes do pensamento da radical alteridade [*outros do outros*]: *animot*. Com o “quase conceito” *animot*, forjado no *pensamento da diferença*, rompe-se com o discurso totalizante ou *visão de mundo*. A natureza [do] *animot* coloca *as coisas mais estranhas* frente à racionalidade do discurso do humanismo, fazendo tremer esta estrutura sangrenta. No instante [do] *animot* já se passa ao *ato* [o *animot* sendo uma *coisa em ato*]. Essas coisas estranhas do *movimento interno* [do] *animot* que foram desencadeadas não remeteriam para uma Lei determinada do discurso humano [*linguagem humana*] como linguagem fônica. Pelo contrário: esse movimento interno destruiria com suas forças mais selvagens – puramente [*divinamente*] – com a cadeia de significantes representacionais. Lacan é desconstruído e destruído por Derrida. Impulsos instintuais inerentes à própria natureza [do] *animot*. Algo ou *alguma coisa* indeterminado *não vai ser domesticado* [não há

⁸ Diferenciamos aqui, *tragédia* de *drama trágico*.

domesticação *dos resíduos animot* pelo nomeado “*Ser*”; e, com isso, acha-se aberto o problema da eventual emancipação [do] *animot* em relação a essa forma de ser – *saber*; [o] *animot* é o não-poder aberto em *ato* na destruição do instante.

Nesta primeira leitura, o que estaria em jogo no caráter ético-político, seria o vínculo das *coisas da natureza* com um *inconsciente animot* [versus “inconsciente humano”] que não se esforça por outra coisa que não *irromper* e *abrir* seu caminho à consciência por meio de uma *ação*. [O] *animot* não é um nomeado “*Ser*”; não tem seu *passe* pela “*Casa*” do espírito [ou da repetição infernal do mesmo]. Essas *forças* são, antes de tudo: *animot* [compreender a natureza em sua alma mais profunda] – *Satanas sum et nihil humani a me alienum puto*⁹ – o *ato* no qual [o] *animot* se torna infiel aos seus próprios instintos são sinais de *humanismo*. Mas, para [o] *animot* instintual *tudo é permitido em ato*.

O CARÁTER RADICALIZADO DO ANIMAL

O *kaléidoscope* narrativo de Derrida encontra no “[o] *animal que logo sou*” sua abertura material para um outro pensamento e uma outra ética – [da] *destruição. animot* que se repete na *diferença da linguagem das coisas* além da representação – *animot* irrepresentável; *força animot* que não pode ser amansada, adestrada, disciplinada, domesticada, o que Derrida aprofundará nos estudos da desconstrução com o *quase conceito animot*. Diferença de uma *força demoníaca* – *forças demoníacas da linguagem das coisas* que disseminam em sua [in]finitude a *vida [mortalista]* [do] *animot*.

Neste momento, seria importante registrar as marcas destas *forças* [do] *animot* no pensamento da *diferença*, seguindo Derrida – *mais de uma língua...* Com a tentativa de *domesticação*¹⁰ da *animalidade no homem* pela *linguagem humana* [“*Casa*”] começa a epopéia dos *animais domésticos* (SLOTERDIJK, 2000). O animal domesticado traduzido no *inconsciente* do homem *humanizado*. Para além do *caráter criptocatólico* das figuras de mediação e representação, soma-se um caráter muito mais violento [*violência mítica*] de domesticação do *inconsciente animot* pela *linguagem falada* ou *inconsciente humano* [*l’inconscient humain* (DERRIDA, 2006, p. 165)] – “*Humanização da natureza*”¹¹. O que está em jogo nessa linguagem humana é o *domínio* da alma, de sua multiplicidade, precisamente dos animais, sua “*monstruosidade*” (DERRIDA, 2006, p. 66) que se dissemina em espectros; o que não passava de um certo medo pelos representantes e guardiões da Europa na figura do *demônio oriental*, estrangeiro por excelência, passa ser um hóspede inoportuno – *espectral*.

O problema [do] *animot* gira ao redor da *alma* e suas formas de controle [o animal é o outro em relação aos outros]; sem *face*, deve ser exterminado frente seu caráter destrutivo, fazendo imperar pela alma seu próprio domínio. O saber filosófico tem tamanha facilidade em reconhecer [o] *animot*, que mesmo os pastores sabem identificar quais de suas ovelhas foram atingidas por esses espectros. Domínio [sem resistência] da animalidade [do] *animot*: questão que todo rebanho atento de críticos, céticos e moralistas se colocam desde sua história imemorial. A animalidade do homem abandona o homem do que nele pode haver de *humano* – a clareira se abre para natureza se transformar num pasto com seus animais domésticos – é ao nomeado “*humano*” que o pastorado se revela, evocando as *vozes do Ser* na domesticação [do] *animot*. A liberdade da alma [do] *animot* termina assim numa unidade onde ela desaparece como vontade e se realiza como razão; a partir da fidelidade já dominante na unidade da palavra, ser fiel à palavra. A autoneameada humanidade o espera com a antiga *fé* e o antigo enternecimento – pela glória do *Ser*, as fogueiras ardiavam diariamente em magníficos *autos de fé* – queimando os perversos *animots*. *Ad majorem gloriam Dei*¹² – e os homens se alegraram porque foram conduzidos como rebanho obediente pela palavra. *Dixi*¹³. O fato de uma forma se converter numa outra forma na repetição do mesmo deixa o nomeado *humanismo* e o estreitamento do

9 “Satanás sou, e nada do que é humano me é estranho”.

10 “Até agora, foi quase o terrível: e por medo quis-se, criou-se e alcançou-se o tipo contrário, o animal doméstico, o animal gregário, o animal doente, o cristão...” Nietzsche. F. Sabedoria para depois de amanhã. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 296.

11 “Vós quisestes tirar a selvageria do ser humano, mas o enfraquecestes; do lobo fizestes o cão, e do próprio ser humano o melhor animal doméstico do ser humano.” Nietzsche. F. Fragmentos do espólio (julho de 1882 a inverno de 1883/1884). Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: UnB, 2004, p. 260, 349.

12 “Para maior glória de Deus”.

13 “Assim eu disse”.

conceito da existência [do] “*ser*” determinado mediatamente por meio da cristandade, revelando uma vez mais como a *fé* cristã se apropriou da metafísica, trazendo seu domínio para o Ocidente; *submissão* à autoridade de certa ordem que prospere e desenvolva [um] “*ser*” – uma razão de ser – uma *fé* para conquistar a vida. Capaz de apaziguar a animalidade [do] *animot*, transformando-o num animal domesticado, um rebanho tão violento de milhares de milhões, esse domínio sem resistência faz com que as almas se diferenciem na identidade da *face*. Ele passa mais uma vez no meio da *multidão* com aquele mesmo semblante *humano* com que caminhara entre os homens quinze séculos antes. As almas navegam na ideia de um domínio e de um governo superior [pastorado das almas ou governabilidade das almas] – “*ser*”, “*verdade*” e *ideologia* caminham em tríade e pertencem-se mutuamente, assim como eles, interpenetrado, pertencem a uma tradição cristã. Essa história imemorial desafia a nomeada humanidade a perceber que, antes de toda relação [do] *animot* em relação aos poderes e às forças, sua “essência” está introjetada na verdade do ser e sua ideologia. Essa “*humanidade*” encontra-se em ligação com o “*ser*”. *Só o ser é* – diriam seus pastores; [o] *animot* permanece vinculado à história do ser e transforma-se ideologicamente *em humano*. Neste saber, deve existir um só rebanho e um só pastor... Há um Pastor que conduz este rebanho imenso. De onde vem a crença [no] *ser* – *sentimento oceânico*?

Mas no caráter radicalizado [do] *animot* ocorre algo enigmático, uma perturbação excepcional; aquilo que permanece impensado nesse saber: [a] *irritabilidade* [do] *animot* – ato de escutar [o não-sonoro] os ruídos internos. Na verdade, *o homem* não é um “*ser*” diverso *dos animais* ou superior a eles e as funções da *alma* mais elevadas em nada mudam o fato de que o homem é um *animal*, no qual a criação superior é inconcebível em si mesma e só podem conceber-se como funções dos *instintos animais*. Aos nomeados “seres humanos” não se exige uma explicação diferente da *dos animais*. A “*humanidade*” é uma comum “espécie” animal *entre outras*. No nomeado “*ser humano*” [des]habitam muitos *espectros como animais*. Por isso, [o] *animot* não é um falar ou um ser falante, mas uma *ação* ou pensamento da ação, marcado por *diferenças silenciosas*. “Falar” *de coisas* que não são uma “fala”, mas *pura ação instintual*, torna-se, diante desta *fala*, uma causa missionária, neste falar, com o sério risco de extermínio deste animal ou animais – *diferenças demoníacas*. Exclusão da percepção do “*ser*” [seres] que não tem *fala* [não possuem o poder de nomear]. A *animalidade* dos *animais* se torna *estranha* [estranho]. Os *impulsos instintuais* mais profundos [do] *animot* se tornam *estranhos* ou estão fora da casa da linguagem [*fala e imagens arcaicas*]. A *alma* [do] *animot* habita e não habita a nomeada casa. A experiência passa pelo *outro* [do *outro*] que não tem *face* – *animot* ou a animalidade *no* homem. Este caráter radicalizado [do] *animot* faz desaparecer um complexo de imagens [*imagem*] ou ordem da fala [*linguagem humana*] no instante de seu instinto [*mundo de forças puras e constantes*] – [o] *animot* está sempre com vontade de atear fogo na Casa.

A estrutura da “*Casa*” é a presunção do nomeado humano diante *das forças* das figuras *da natureza*. A estrutura da “*Casa*” é destruída e desconstruída pelo tremor e terror da linguagem *animot*. [O] *animot* faz derreter a *imagem* e a *linguagem humana*, deixando suas marcas e espaços interiores.

[O] ANIMAL COMO ESCRITURA INTERIOR

Acreditamos nesse trabalho destas marcas, que esta materialidade estaria numa *diferença* vinculada a *traços* e um *inconsciente como escritura* na resistência frente ao discurso do pensamento metafísico. Estamos aqui – *mais de uma língua* – nos *quase conceitos* que se tornam *ético-políticos*; na relação de Derrida com a psicanálise; a psicanálise sendo uma perturbação; da importância de Freud para o pensamento de Derrida (BENNINGTON, 2004).

O *animot*, por ser um *quase conceito* forjado no pensamento da diferença e na psicanálise, pode encontrar uma *abertura* para fora da clausura metafísica; repete-se *entre* a diferença noutro *quase conceito* forjado por Derrida: *différance*. *Quase conceitos* em *atos* que antecedem a linguagem fonemática [*inconsciente humano*] vinculados à psicanálise e ao pensamento da diferença: *animot* e *différance* – que só se distinguem na *escritura* e não na palavra falada. Podemos encontrar esta *diferença* no pensamento derridiano em sua *estranha escritura interior* como resistência n[o] político. A letra *a* na *escrita* da palavra *diferença* (DERRIDA, s/ data) – poderíamos escrever *diferança* em português. Claro que o neografismo, como conjunto de princípios da neografia ou de um novo sistema de ortografia, desencadeia um complexo problema no próprio *pensamento da diferença*. Em francês, “*différence*” ou “*différance*” possuem uma semelhança fônica e uma alteridade gráfica instaurada pela troca do *e* “legítimo” *pelo* estranho *a* transgressor, violador

de uma tradição da linguagem referida à dimensão da voz, do discurso, da fonética. De qualquer maneira, o que Derrida está chamando a atenção é para um *texto escrito*, ou seja, da diferença gráfica entre o *e* e o *a* que funciona *no interior* de um sistema de *escrita*, e também funciona *no interior* de toda uma *cultura dos espectros*. O *a* funciona como um *espectro*; de um *aparelho da alma* que remete à *escritura*. A *diferença* não pertence mais à ordem da sensibilidade, mas, sim, aos registros do pensamento, *traços* de memória que estão *na escrita*. A *diferença* com *a* é um *traçado*, uma *marca* cultural e *para além* da cultura; a *diferença* é um *espectro* se comparado ao *espírito* revelado da voz. Esta *diferença* traz pela *escritura* uma força intensiva que se repete a ser medida no pensamento *da diferença* e rompendo com a História oficial dos dominantes. [O] *animot* pode desconstruir e destruir. Com isso, torna-se necessário, como *resistência*, todo este movimento estratégico destes *quase conceitos* no pensamento da diferença, para que os mesmos não sejam capturados pelo sistema de representação. Caráter estrangeiro [do] *animot*, como uma maneira de trabalhar com estas coisas silenciosas *no político*; conseqüentemente, *abrindo espaço* para novas subjetivações e uma ética. O *quase conceito animot* dissolve o sistema harmônico de composições e imagens arcaicas do pensamento da representação. O mundo não é feito só de representações ou não tem seu *passé* somente pela *linguagem humana* ["...quem disse que a *mensagem da Carta* sempre chega ao seu destino?" (DERRIDA, 2007, p. 539, 564)].

Esses deslocamentos [do] *animot* podem estrategicamente ser linguísticos [linguagem ou língua], [des]habitando uma "*Casa*" ou não – mas [o] *animot* não é puramente uma linguagem. Registrar [o] *animot* na ordem da linguagem, *linguagem animal*, é pensar [o] *animot* na linguagem e *para além* da linguagem, numa relação de forças; quando [o] *animot* responde, responde *já em ato*, na *cena* da *escritura* como resistência, deixando marcas profundas e interiores; só existe resistência da *alma* quando a *alma* [do] *animot* é constituída *na escritura*. *Retornamos* ao animal autobiográfico.

Ser um animal autobiográfico passa pela experiência trágica de afirmação da diferença *na escritura*. Nesse momento de seu pensamento, Derrida instaura Aquilo que chama *animot* para além do *verbum*, revelando sua força numa tradição da *escritura* que [des]habita a casa da linguagem, deixando profundas marcas; nesse habitar e não habitar – está *entre* – come por dentro, como numa antropofagia *animot*. Experiência renovada; [o] *animot* instaura a experiência do drama trágico no interior do nomeado ser – desconstruindo *o mesmo*, frente uma repetição *do mesmo*... [O] *inconsciente como escritura* faz a alma resistir à habitação do nomeado "*Ser*", tornando-a *inabitável* para este – a alma como deserto não é habitável pelo ser – é alma inabitável que resiste ao "*Ser*". Queremos dizer com isso que a desconstrução do nomeado "*Ser*" tem sua passagem [pelo] *animot* pensado em sua alteridade radical [*outro* do *outro sem face*] – é que os ventos que vêm do interior [do] *animot* disseram-te baixinho o ardor da liberdade; é que esse excessivo arquejo feriu tua jovem face, humana em demasia; é que, muitas vezes, o Poeta responde pelo animal; é que em tempos imemoriais, foram expulsos da Casa; é que a negra força [do] *animot* responde em infernos uivos; é que [o] *animot* conhece o terror; é que em cada coisa aberta pulsa uma pré-coisa; é que trata-se de tornar a alma monstruosa; é que é preciso ser vidente, fazer-se vidente; é que os primeiros românticos [Novalis] foram videntes; é que a trilha branca em face, a interpelar, como um rebanho que pastasse; é que hordas hostis de uivos sicários evocam [o] *animot*; é que erguem-se a rosnar como gatos loucos; é que ao roçarem na palha os seus membros se excitam; é que os meninos refletidos em sua face vão sempre à Igreja; é que por sua virgindade, pureza da face, agora e no futuro; é que sofreram convulsões que foram as mais triunfantes frente a face humana; é que a voz de cem corvos acompanha [o] *animot*; é que mil lobos carregam esta religiosa tarde de voragem; é que mil sementes selvagens disseminam [o] *pólen*; é que as coisas inauditas e inomináveis não habitam sua face; é que uiva [o] lobo na desconstrução e não [sua] face; é que o boi refreia seus instintos; é que nossas nádegas não são as delas; é que adormecido inseto forte; é que sua literatura ainda passa pelo saber filosófico [*da face*]; é que [o] *animot* de Derrida é *transformação* em realidade – reafirmação de sua obra – Aquilo que existe dentro de Derrida sobe à tona; é que os poetas são irmãos [...].

Guardemos silêncio. *Eu* te conheço e te admiro em silêncio. Tua *face* demasiada *humana*. Por isso, antes de chegar à *linguagem*, passa-se por um estreito de um horror extraordinário, chamado *Ponte do Demônio*, trabalhando furiosamente em ações destrutivas como numa *narrativa*. Como *coisa* da natureza, [o] *animot* não tem a menor consciência de seu *ato*; *as coisas* neste mundo são *mudas* e efetuam seu trabalho int[er]no silenciosamente e, com *isso*, um *animot* ainda mais terrível [*tudo é permitido para o animal*].

A radicalização deste *quase conceito* – *animot* – no pensamento da diferença faz tremer a metafísica da "*Casa*" [*linguagem*] onde habita o nomeado humano. Com uma perturbação da alma – *exaltado* – [o] *animot*

tem o terrível encontro com a mensagem da Carta. [O] *animot* rasga sua *mensagem* – e todos os animais amavam-se em seu Deus.

Recebido em: 5 de janeiro de 2015. **Aprovado em:** 29 de junho de 2015.

REFERÊNCIAS

- Benjamin, W. Le Caractère destructeur (1931). Traduit Rainer Rochlitz. In: Oeuvres II. Paris: Gallimard, 2000.
- _____. Sur le langage en général et sur le langage humain (1916). Traduit Maurice de Gandillac. In: Oeuvres I. Paris: Gallimard, 2000.
- Bennington, G. Entrevista com Geoffrey Bennington. In: Duque-Estrada, P.C. Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: PUC/Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- Birman, J. Freud e a política, entre judaísmo e judeidade. In: Said, E. W. Freud e os Não-Europeus. Trad. Arlene Clemesha. São Paulo: Boitempo, 2004.
- Derrida, J. L'animal que donc je suis (1999) Paris: Galilée, 2006.
- _____. Margens da filosofia. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data.
- _____. O animal que logo sou (A seguir). (Parte 1) Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. O Cartão-postal: de Sócrates a Freud e além. Trad. Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- Duque-Estrada, P. C. Derrida e a crítica heideggeriana do humanismo. In Jacques Derrida: pensar a desconstrução. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- Ferenczi, S. Adestramento de um cavalo selvagem. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Psicanálise II, Obras completas, 2).
- Freud, S. Más allá del principio de placer (1920). Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2008. (Obras completas, 18).
- LACAN, J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je (1936-1949) In: _____. Écrits. Paris: Seuil, 1966.
- Nietzsche, F. Fragmentos do espólio (julho de 1882 a inverno de 1883/1884). Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: UnB, 2004.
- _____. Sabedoria para depois de amanhã. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Novalis. Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- rimbaud, A. Correspondência. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.
- Sloterdijk, P. Regras para o parque humano: uma resposta à Carta de Heidegger sobre o humanismo. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

João C. Galvão Jr.
galvao2112@bol.com.br